

Voltar, com a família, à sociedade em conflito (Ex 4,18-20)

MATTHIAS GRENZER

Faculdade de Teologia da PUC – São Paulo
Líder do Grupo de Pesquisa Tradução e Interpretação do Antigo Testamento (TIAT)

FRANCISCA CIRLENA CUNHA SUZUKI

Faculdade de Teologia da PUC – São Paulo
Grupo de Pesquisa TIAT

Introdução

Após ter ferido mortalmente um egípcio, aparentemente em legítima defesa de um hebreu agredido, Moisés precisou fugir do faraó. Ao escutar, pois, sobre o caso, o rei do Egito procurou matar aquele que se propusera a defender um irmão injustiçado (Ex 2,15b-c).¹ O conflito ilustra bem a situação dramática à qual os hebreus imigrantes, descendentes de Jacó e dos filhos dele (Ex 1,1-7), estavam expostos como povo.² Um novo rei egípcio tinha optado por mudar o destino dos hebreus, impondo-lhes, com brutalidade, trabalhos forçados, cargas pesadas e uma servidão dura (Ex 1,8-14).³ O faraó chegou mesmo a promover a matança dos meninos

¹ Cf. GRENZER, M. “Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c)”. *Revista de Cultura Teológica* 35 (2001), pp. 129-139.

² Cf. GRENZER, M. “Do clã de Jacó ao povo de Israel (Ex 1,1-7)”. *Revista de Cultura Teológica* 81 (2013), pp. 83-94.

³ Cf. GRENZER, M. “O fracasso da política de opressão violenta (Êxodo 1,8-14)”. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 12 (2014), pp. 141-163.

hebreus recém-nascidos (Ex 1,15-22). O próprio Moisés sobreviveu tão somente porque um grupo de mulheres conseguiu formar um círculo de ternura impenetrável a seu redor.⁴ Aos filhos de Israel, portanto, só restava gemer e gritar por causa da servidão (Ex 2,23-25).⁵

Em contrapartida, a narrativa do êxodo também apresenta sinais de esperança. A fuga daquele que estava sendo perseguido pelo faraó, por exemplo, foi feliz. Atravessando o deserto do Sinai, Moisés conseguiu instalar-se nas terras de Madiã. Foi tão bem acolhido pelo sacerdote de Madiã, que deste recebeu a filha Séfora como esposa, com quem teve um primeiro filho (Ex 2,15c-22).⁶

Contudo, após a descrição do sofrimento dos hebreus no Egito e da presença de Moisés em Madiã, a história do êxodo começa a insistir na atenção especial que o Senhor, Deus de Israel, daria aos oprimidos (cf. Ex 2,23-25). Narram-se, de forma extensa, uma visão e um diálogo que Moisés teve com Deus (Ex 3,1-4,17). Ao pastorear o gado pequeno de seu sogro no monte de Deus, o hebreu-egípcio (cf. Ex 2,6.19), refugiado em Madiã, é chamado a compreender que ele seria o escolhido por Deus para tornar-se um instrumento nas mãos do Senhor, a fim de libertar os hebreus oprimidos. Para isso acontecer, porém, era necessário que Moisés voltasse ao Egito.

Não é difícil imaginar que voltar ao Egito significaria um conflito dramático na vida de Moisés, uma vez que ele havia fugido de lá (Ex 2,15). Por que arriscar-se agora na direção contrária, sendo que sua adaptação em terra estrangeira havia logrado êxito? Tudo isso não levaria Moisés a colocar em risco sua paz? Além disso, Moisés havia adquirido laços familiares: Séfora se tornara sua esposa, e um primeiro filho havia nascido do casal (Ex 2,21-22).

Essas questões nortearão a leitura e interpretação da cena ou micronarrativa presente em Ex 4,18-20. O objetivo será encontrar, no texto bíblico, possíveis respostas a essas perguntas. Afinal, o que poderia possibilitar a um refugiado voltar em paz à sociedade que está em conflito?

⁴ Cf. GRENZER, M. “Em defesa da criança (Ex 1,15-2,10)”. *Revista de Cultura Teológica* 55 (2006), pp. 25-37.

⁵ Cf. GRENZER, M. “O grito dos oprimidos (Êxodo 2,23-25)”. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP* 4 (2014), pp. 319-334.

⁶ Cf. GRENZER, M. “Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22)”. *Atualidade Teológica* 49 (2015), pp. 75-89.

1. O texto

1.1. Tradução do hebraico para o português

A seguinte tradução de Ex 4,18-20, texto originalmente composto em hebraico, se baseia na quarta edição crítica da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*.⁷ A segmentação proposta acolhe a presença marcante do verbo hebraico. Este, em todas as frases verbais do episódio, ocupa a primeira posição, conferindo, assim, ritmo à narrativa.⁸ Além disso, destaca-se a alternância entre os trechos de narração e os discursos diretos de algumas personagens participantes do episódio.

Moisés foi	18a
e voltou para Jeter, seu sogro.	18b
Disse-lhe:	18c
“Quero ir, por favor,	18d
e voltar a meus irmãos,	18e
que estão no Egito.	18f
Verei	18g
se eles ainda estão vivos”.	18h
Jetro disse a Moisés:	18i
“Vai em paz!”	18j
E o SENHOR disse a Moisés em Madiã:	19a
“Vai!	19b
Volta para o Egito,	19c
porque morreram todos os homens	19d
que estavam procurando por tua alma!”	19e
Moisés, então, tomou sua mulher e seus filhos,	20a
os fez montar o jumento	20b
e voltou rumo à terra do Egito.	20c
E Moisés tomou o cajado de Deus em sua mão.	20d

⁷ ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

⁸ Cf. GRENZER, M. “As dimensões temporais do verbo hebraico: desafio ao traduzir o Antigo Testamento”. *Pistis & Praxis* 8 (2016), pp. 15-32.

1.2. Variantes textuais

Em relação ao texto hebraico provavelmente mais original e, portanto, impresso como texto principal, apenas duas variantes são mencionadas no aparato crítico da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. A primeira das variantes se refere à escrita do nome do sogro de Moisés. No versículo 18b, tem-se uma “variante ortográfica”: no lugar de Jetro (ver Ex 3,1; 4,18i; 18,1.2.5.6.9.10.12), lê-se Jeter.⁹ Contudo, um manuscrito hebraico medieval e o Pentateuco Samaritano, assim como a tradução aramaica do Targum Hierosolimitano e a tradução latina da Vulgata, desconhecem tal variante. Da mesma forma, a Septuaginta translitera o nome Jetro sempre de forma igual.

A segunda variante se refere ao termo Egito no versículo 19c. Três a dez manuscritos medievais e o Pentateuco Samaritano acrescentam o *He locale*, sendo que, de forma expressa, se insiste na direção da volta de Moisés rumo ao Egito.¹⁰

Em ambos os casos, as variantes indicadas no aparato crítico da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* não mudam a compreensão do texto bíblico. Ora parece tratar-se de uma simples variante (Jeter – Jetro), ora da tentativa de facilitar a compreensão da expressão (voltar em direção ao Egito). Como o texto mais difícil, porém, indica, em geral, o texto mais original, as variantes podem ser avaliadas como secundárias.

2. Estudo literário

2.1. Delimitação e contextualização

Um conjunto de indicadores narrativos leva o ouvinte-leitor a perceber que Ex 4,18-20 é uma micronarrativa ou uma cena particular.¹¹ Como tal, ela faz parte de uma sequência de cenas mais abrangente, pois inicia uma cadeia narrativa ou um episódio formado por cinco cenas sucessivas

⁹ UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. *Exodus 1–15*. Stuttgart: Kohlhammer, 2013, p. 141.

¹⁰ Para a crítica textual, ver: FRANCISCO, E. de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica. Introdução ao Texto Massorético. Guia Introdutório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

¹¹ Para a delimitação ou clausura da narrativa, ver MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 43-54.

(Ex 4,18-20.21-23.24-26.27-28.29-31), cujo objetivo é apresentar ao ouvinte-leitor a volta de Moisés ao Egito. Quais parâmetros ou indicadores, por sua vez, visibilizam a clausura inicial e final da cena em Ex 4,18-20? Primeiramente, serão observados os “critérios dramatúrgicos (mudança de lugar, avanço cronológico, mudança de personagem e mudança de ação)”;¹² mais tarde, serão analisados os elementos estilísticos (repetições, inclusões, mudanças no vocabulário etc.) que contribuem à formação da estrutura literária, sendo que o reconhecimento desta última também ajuda na verificação dos limites da micronarrativa em estudo.¹²

A pequena cena narrada em Ex 4,18-20 apresenta, inicialmente, um deslocamento de Moisés. O primeiro verbo relata um andar ou uma ida do futuro líder dos hebreus (v. 18a). O segundo verbo, por sua vez, indica a direção deste movimento. Caminhando, do monte de Deus (cf. Ex 3,1), Moisés volta a seu sogro, o qual vive nas terras de Madiã (v. 18b). Dessa forma, Jetro se junta novamente à narrativa do êxodo (cf. Ex 2,15-16). A mudança de lugar e o reagrupamento das personagens participantes da narrativa dão a impressão de que, no versículo 18a-b, se inicia uma nova cena ou micronarrativa. Além disso, “após o longo discurso de Deus (Ex 3,7-4,17), o qual foi interrompido apenas por algumas intervenções curtas de Moisés, a narrativa volta, em Ex 4,18, ao nível da ação”.¹³ Quer dizer, o enredo avança novamente, continuando o desencadeamento dos fatos.

Também o final da cena narrada em Ex 4,18-20 é relativamente bem marcado. O ouvinte-leitor acompanha agora os preparativos para se iniciar outro deslocamento. Ou seja, Moisés começa seu retorno ao Egito. Como no início da cena, reaparece o verbo voltar (v. 20c), o qual emoldura o episódio. Além disso, no final da cena narrada em Ex 4,18-20 surgem, de forma surpreendente, algumas personagens, uma delas inédita até então na narrativa do êxodo. Primeiramente, aparece a mulher de Moisés, sem que se mencionasse o nome dela (v. 20a; cf. Ex 2,21). Em seguida, os filhos de Moisés ocupam a atenção do ouvinte-leitor (v. 20a). No entanto, até agora se sabia apenas de um filho de Moisés e Séfora – ver Gérson em Ex 2,22 –, e não dois. Além disso, um jumento entra em cena (v. 20b). Mais ainda: Moisés, o futuro líder, não toma apenas seus familiares – mulher e filhos

¹² SKA, J.-L. “*Our fathers have told us*”. *Introduction to the Analysis of Hebrew Narratives*. Roma: Pontifício Instituto Bíblico, 2000, p. 1.

¹³ ALBERTZ, R. *Exodus 1-18*. Zurich: Theologischer Verlag Zürich, 2012, p. 93.

(v. 20a) – para levar consigo, mas também o cajado de Deus (v. 20d; ver Ex 4,2.4.17). Este último teve importância no episódio anterior, quando Deus dialogou com Moisés sobre seu retorno ao Egito (Ex 3,7-4,17). Com isso, tanto no final do episódio anterior (Ex 4,17) como no final da cena aqui estudada (v. 20d), aparece o mesmo gesto de Moisés tomar o cajado de Deus em sua mão. Trata-se do símbolo da presença do Senhor junto a Moisés, sendo que tal companhia divina é o fio condutor que une os episódios narrados em Ex 3-4.¹⁴

Contudo, com o versículo 20 termina apenas a primeira cena (Ex 4,18-20) da narrativa que apresenta a volta de Moisés ao Egito (Ex 4,18-31). De certa forma, o final da cena fica em aberto, uma vez que o ouvinte-leitor se pergunta agora, após o versículo 20, se o retorno de Moisés ao Egito irá ter sucesso ou não. Mesmo assim, juntando agora ao estudo dos indicadores dramáticos a observação de certos elementos estilísticos que promovem, em Ex 4,18-20, uma configuração concêntrica, a cena analisada aqui ganha ainda mais visibilidade como unidade literária própria.

2.2. *Elementos estilísticos e estrutura literária*

A micronarrativa de Ex 4,18-20 é formada por cinco elementos. Paralelismos claros garantem as ligações entre o primeiro e o último, assim como entre o segundo e o penúltimo, deixando apenas um elemento no centro da micronarrativa.

No início (v. 18a-b) e no final (v. 20a-d) da cena, o ouvinte-leitor acompanha maiores trechos de narração, os quais apresentam ações de Moisés. Por duas vezes, Moisés volta: ora para seu sogro Jetro (v. 18b), ora rumo à terra do Egito (v. 20c).

O centro expandido da micronarrativa (v. 18c-19e), no entanto, é ocupado por três discursos diretos (v. 18d-h.j.19b-e). Cada um deles é introduzido pelo narrador (v. 18c.i.19a), o qual passa sua palavra aos personagens participantes da narrativa. O primeiro e o terceiro discurso (v. 18d-h.19b-e), pronunciados por Moisés e pelo Senhor, são mais compridos. O discurso de Jetro, porém, que ocupa o centro da micronarrativa, é curto e, portanto, mais marcante e chamativo. Formado por duas

¹⁴ Cf. SKA, J.-L. *O canteiro do Pentateuco. 1. Problemas de composição e de interpretação. 2. Aspectos literários e teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2016, p. 120.

palavras apenas, ouve-se ou lê-se algo que soa como uma fórmula: Vai em paz! (v. 18j). Além disso, também os três discursos diretos são claramente interligados por paralelismos. Às duas formas verbais volitivas no discurso de Moisés (ver os coortativos quero ir e quero voltar; v. 18d-e) correspondem outras duas formas volitivas no discurso do Senhor (ver os imperativos vai e volta; v. 19b-c). Além disso, um paralelismo em forma de oposição garante a ligação entre o primeiro e o terceiro discurso: enquanto Moisés quer saber se seus irmãos no Egito ainda estão vivos (v. 18h), o Senhor afirma que, no Egito, morreram todos os homens que estavam procurando pela alma de Moisés (v. 19d). No mais, também o discurso no centro da cena, pronunciado por Jetro, é iniciado com uma forma volitiva (ver o imperativo traduzido como vai; v. 18i). Assim, uma mesma raiz verbal está presente nos três discursos diretos, interligando as falas.

Além de os paralelismos mencionados garantirem a audição ou visibilidade da estrutura concêntrica, as repetições marcantes dão também realce ao que, tematicamente, está ganhando centralidade na narrativa. Os verbos ir (v. 18a.d.j.19b) e voltar (v. 18b.e.19c.20c), com quatro presenças cada um, permeiam toda a micronarrativa. Vale lembrar que o número quatro exerce certo simbolismo, por lembrar os quatro pontos cardeais ou as quatro estações, tornando-se, dessa forma, um elemento estilístico.

Cabe aqui ainda uma última observação quanto à estrutura literária: tanto no início como no fim de Ex 4,18-20, nas partes de narração, Moisés e seus familiares ganham destaque. Inicialmente, menciona-se Moisés e Jetro, seu sogro (v. 18a-b), sendo que o nome de Jetro é apresentado uma segunda vez no centro da narrativa (v. 18h). Na parte da conclusão, observa-se a presença de Moisés, de sua mulher – filha de Jetro – e dos filhos do casal, que são netos de Jetro (v. 20a).

Enfim, na base dessas observações estilístico-literárias, percebe-se ainda mais claramente que a cena em Ex 4,18-20 forma uma unidade literária bem delimitada ou enclausurada. Trata-se da primeira de cinco cenas que formam o episódio ou a narrativa a respeito da volta de Moisés ao Egito (Ex 4,18-31). O próprio conjunto dessas cinco cenas revela uma estrutura concêntrica:

- A Início da caminhada de Moisés rumo ao Egito (v. 18-20);
- B Discurso do Senhor dirigido a Moisés (v. 21-23);
- C Séfora salva Moisés de um ataque do Senhor (v. 24-26);
- B' Discurso do Senhor dirigido a Aarão, e encontro dos irmãos Moisés e Aarão no monte de Deus (v. 27-28);
- A' Fim da caminhada de Moisés junto com Aarão, e chegada ao Egito (v. 29-31).¹⁵

2.3. *Análise narrativa e gênero literário*

Cabe aqui uma distinção prévia entre dois gêneros linguísticos. De um lado, estão os “gêneros literários” como as narrativas, os discursos poéticos ou os conjuntos de leis, todos eles artisticamente compostos. Do outro, há os “gêneros de expressão”, provindos dos “contextos específicos da vida no dia a dia”, sendo que estes podem ser chamados de “gêneros da comunicação institucional”.¹⁶

Quanto ao gênero literário, a cena de Ex 4,18-20 precisa ser descrita como narrativa. Embora curta, ela revela certa autonomia em vista dos elementos que a constituem. Quais são, no entanto, os detalhes que, no nível da forma, mais chamam a atenção do ouvinte-leitor?

O primeiro olhar se dirige às personagens, porque elas, além de sustentarem o enredo, mais facilmente atraem a simpatia ou antipatia do ouvinte-leitor. A figura principal na micronarrativa é Moisés. Seu nome é mencionado cinco vezes: três vezes na posição de sujeito (v. 18a.20a.d) e duas vezes na posição de objeto indireto (v. 18i.19a). Em onze casos, Moisés se torna sujeito da ação transmitida pelo verbo, ora de forma expressa (v. 18a.20a.d), ora de forma oculta (v. 18b.c.d.e.g.j.19b.c.20b.c). Além disso, sete sufixos pronominais – traduzidos aqui como pronomes possessivos ou oblíquos – se referem a Moisés: ver as expressões seu sogro (v. 18b), disse-lhe (v. 18c), meus irmãos (v. 18e), tua alma (v. 19e), sua mulher (v. 20a), seus filhos (v. 20a) e sua mão (v. 20d). Também o primeiro discurso direto pertence a Moisés (v. 18d-h), provocando assim os discursos seguintes de Jetro (v. 18j) e do Senhor (v. 19b-e). Impressiona como

¹⁵ Ver a proposta dessa estrutura concêntrica em UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. *Exodus 1-15*, p. 143.

¹⁶ UTZSCHNEIDER, H.; NITSCHKE, A. *Arbeitsbuch Literaturwissenschaftliche Bibelauslegung. Eine Methodenlehre zur Exegese des Alten Testaments*. 4. ed. Gütersloh: Verlagshaus, 2014, p. 117.

uma micronarrativa, num espaço formado por apenas três versículos, consegue, de forma tão intensa, dar visibilidade a uma de suas personagens.

Além disso, Jetro (v. 18b.i-j) e seus familiares – ver a mulher e os filhos de Moisés (v. 20a) –, assim como o Senhor Deus (v. 19a-e.20d), acompanham o protagonista principal, exercendo os primeiros papéis. Com isso, as personagens atuantes em Madiã – Moisés, Jetro e o Senhor – estão em primeiro plano, enquanto as figuras secundárias – os irmãos de Moisés (v. 18e-f) e os homens que procuram pela alma de Moisés (v. 19d-e) – estão no Egito. Ou seja, junto às personagens, dois espaços geográficos são trabalhados em forma de oposição, realçando um conflito social e político. Inicialmente, Moisés está de volta a Madiã (v. 19a), terra de seu sogro (v. 18b). De lá, porém, a atenção dirige-se, outra vez na história do êxodo, ao Egito (v. 18f.19c.20c).

Com os espaços geográficos, interliga-se o tempo. Inicialmente, narra-se, com grande velocidade e de forma sumária, a volta de Moisés a seu sogro (v. 18a-b). Ou seja, num curtíssimo tempo de narração, Moisés atravessa a distância entre o Horeb, o monte de Deus (Ex 3,1), e Madiã. Em seguida, narrando a conversa entre Moisés, Jetro e o Senhor (v. 18c-19e), o tempo da narrativa se iguala ao tempo da história narrada. No final, a narrativa ganha, outra vez, maior velocidade, sendo que “o narrador conta pouco sobre um longo período histórico”.¹⁷ Enfim, começa a volta de Moisés e de sua família ao Egito (v. 20a-d), sendo que as quatro cenas seguintes continuam a focar esse mesmo período (Ex 4,21-31). Nem será narrada, de forma expressa, a chegada ao Egito. Contudo, ela é pressuposta a partir de Ex 4,20.

Como já foi dito acima, a partir de Ex 4,18, a trama da história do êxodo continua a avançar. Ela tinha sido interrompida para narrar “a maior controvérsia entre Deus e um homem na Torá” (Ex 3,4-4,17).¹⁸ Contudo, após cobrir seu rosto diante da presença de Deus (Ex 3,6), Moisés volta a agir exatamente no início da micronarrativa estudada aqui.

Uma característica típica das narrativas da Bíblia Hebraica é o narrador não ter uma participação viva na cena. Oculto, em momento algum, ele comenta ou interpreta de modo direto o que narra. Isto é, não deixa

¹⁷ MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas*, p. 108.

¹⁸ FISCHER, G.; MARKL, D. *Das Buch Exodus*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009, p. 46.

sua voz interferir na recetividade do ouvinte-leitor, mas é capaz de integrar, com maestria, as personagens e os discursos pertencentes a elas no enredo da micronarrativa (v. 18c-19e). Faz parte, portanto, da “tática dos narradores bíblicos que sua interferência direta não seja frequente nem extensa, sendo que isso contribui com a vitalidade e o imediatismo das narrativas bíblicas”, envolvendo o ouvinte-leitor mais diretamente.¹⁹

Enfim, é preciso analisar o gênero literário quanto às expressões ligadas à vida cotidiana e aproveitadas no momento da composição artística do texto literário estudado aqui. A micronarrativa em Ex 4,18-20 parece acolher, primeiramente, o motivo da volta de um refugiado à sua terra de origem (v. 18b.e.19c.20c). Trata-se de uma realidade comum e relatada por diversas vezes nas tradições bíblicas. Focando as narrativas do Pentateuco, vêm à memória as voltas de Hagar (Gn 16,9) e de Jacó (Gn 31,3.13; 32,10). Como no caso de Moisés, também esses retornos são apresentados como motivados por Deus, assim como o retorno dos descendentes de Abraão à terra prometida, após os quatrocentos anos de opressão nas terras do Egito (Gn 15,16). Das narrativas fora do Pentateuco, vale lembrar a volta de Noemi, sendo que ela, junto com sua nora Rute, retorna, de Moab, para sua terra natal, Belém (Rt 1,6.7.8.10.11.12.152x.16.21.222x).

Em segundo lugar, ligados à volta de quem estava longe de sua terra de origem, existem gestos e palavras de despedida que igualmente podem ter influenciado a micronarrativa aqui estudada. Jetro, pois, despede seu genro Moisés com as palavras Vai em paz! (v. 18j). O termo *shalom*, além de fazer parte de fórmulas de cumprimento (Jz 19,20; 1Sm 25,6; 2Sm 18,28; 2Rs 10,13) ou de perguntas a respeito do bem-estar de alguém (Gn 29,6; 43,27-28; Ex 18,7; Jz 18,15; 1Sm 10,4; 17,18; 2Rs 4,26; Est 2,11), junto ao verbo ir e às preposições proclíticas *lāmed* e *bêt*, pode marcar, como acontece em Ex 14,18, o final de um encontro (Jz 18,6; 1Sm 1,17; 2Sm 15,9). Sempre se deseja à pessoa saudada que ela avance pacificamente (Is 41,3) e/ou volte em paz (Jz 8,9).²⁰

¹⁹ BAR-EFRAT, S. *Wie die Bibel erzählt. Alttestamentliche Texte als literarische Kunstwerke verstehen*. Gütersloh: Verlagshaus, 2006, p. 42.

²⁰ Para *shalom* como saudação ou desejo, veja LIWAK, R. Friede / Schalom. In: ALKIER, S.; BAUKS, M.; KOENEN, K. (Ed.). *Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet*, 2007ss. Disponível em <http://www.wiblex.de>, inserido em 3.2011 e acessado em 6.6.2016.

Talvez a micronarrativa em Ex 4,18-20 acolha, no final, ainda um terceiro motivo ligado à vida cotidiana na sociedade israelita. É, pois, comum ver alguém montar um jumento: os membros da casa do rei (2Sm 16,2), Mefibaal (2Sm 19,27), o velho profeta de Betel (1Rs 13,13) ou o próprio rei (Zc 9,9). Contudo, as tradições da Bíblia Hebraica apresentam também mulheres sobre esse animal de transporte: Acsa, filha de Calebe, que apeia do jumento (Js 15,18; Jz 1,14), a concubina de um levita colocada já morta sobre um jumento (Jz 19,28) e Abigail, como quem monta ou cavalga um jumento (1Sm 25,20.23.42). Ao dizer que Moisés fez sua mulher e seus filhos montarem um jumento (v. 20a-b), a micronarrativa aqui estudada parece expressar-se de acordo com a linguagem e o imaginário pertencentes ao dia a dia.

3. Comentários histórico-teológicos

Visto que Ex 4,18-20 se apresenta como um texto artisticamente composto, foi necessário realizar um estudo pormenorizado de sua forma literária. Agora, no entanto, será focado o conteúdo do que é narrado. Com atenção a eventuais detalhes histórico-geográficos e culturais, o interesse se dirige, sobretudo, à reflexão teológica promovida pela cena discutida. Em especial, uma pergunta norteará o exercício exegético aqui realizado: o que, segundo a narrativa bíblica, motivou o refugiado Moisés a voltar para sua terra de origem, embora a sociedade egípcia continuasse em conflito?

3.1. *Moisés e seu sogro, Jetro*

Um encontro pessoal entre o Senhor e Moisés (Ex 3,1-6) e uma longa conversa entre os dois (Ex 3,7-4,17) antecedem a volta de Moisés para Jetro, seu sogro (v. 18a-b). De forma insistente, Moisés foi convidado a compreender que sua tarefa consistiria em ir ao faraó para promover a saída, ou seja, a libertação daqueles que estavam sendo oprimidos por decisões cruéis e irracionais do governante (Ex 3,7-10). Contudo, ao ouvir o discurso de Deus, Moisés apenas reagiu com objeções, não se identificando com seus irmãos sofridos no Egito. Mais ainda: Moisés não volta ao Egito (v. 18f), mas vai, na direção contrária, até Madiã (v. 19a), onde reencontra seu sogro, Jetro (v. 18a-b).

O diálogo entre genro e sogro, por sua vez, dá início agora a uma mudança significativa na trajetória do futuro líder. Moisés, em seu discurso dirigido a Jetro, deixa claro que ainda se lembra de seus irmãos no Egito (v. 18e). Parece que “seu sentimento de solidariedade foi novamente aceso”.²¹ Moisés quer enfrentar outra viagem e voltar a seus irmãos, que estão no Egito, para ver se eles ainda estão vivos (v. 18d-h). Ele passa a se interessar muito pela sobrevivência de seu povo e assume, outra vez, sua “postura anterior, apesar de já ter experimentado rejeição e ferimento” por parte de um hebreu, quer dizer, de um de seus irmãos (Ex 2,11c.e.13-14).²²

Se a mudança no comportamento de Moisés já é capaz de chamar a atenção do ouvinte-leitor, mais ainda a resposta de Jetro. De certa forma, até é compreensível que Moisés se interesse novamente por seus irmãos e que queira voltar a eles, por mais arriscado que seja. Seu sogro Jetro, no entanto, não é beneficiado com essa decisão. Moisés, pois, como imigrante em Madiã, tinha se revelado uma ajuda muito bem-vinda. Soube, pois, ser solidário com as filhas de Jetro, ao salvá-las e libertá-las das agressões de outros pastores (Ex 2,17.19). Mostrou-se uma pessoa prestativa, quando assumiu o trabalho delas de fazer o gado pequeno beber (Ex 2,19). E chegou a cuidar do rebanho de seu sogro, pastoreando-o em regiões distantes (Ex 3,1). Ou seja, para Jetro, provavelmente, seria melhor que Moisés ficasse com ele em Madiã. Não obstante, o sogro acolhe o desejo do genro. Oferece-lhe apoio moral e, de certa forma, sua bênção, encaminhando Moisés com as seguintes palavras: Vai em paz! (v. 18j).

A preposição hebraica *lāmed*, que introduz um adjunto adverbial, precisa ser compreendida como um *lamed modi*, sendo que ela, ao criar uma “relação qualitativa”, traz “um termo” – o substantivo paz – que identifica, de forma “positiva”, as circunstâncias da predicação anterior – o ir de Moisés.²³ No entanto, em vez de sugerir simplesmente uma ida em paz, a preposição hebraica em questão pode indicar também uma relação final, transmitindo a ideia de uma ida pela paz, ou seja, de uma missão de Moisés em busca ou a favor da paz. Assim, Jetro ganharia ainda mais o perfil de

²¹ ALBERTZ, R. *Exodus 1–18*. Zúrique: Theologischer Verlag, p. 94.

²² FISCHER, G.; MARKL, D. *Das Buch Exodus*, p. 71. Ver também: GRENZER, M. “Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c)”, pp. 136-138.

²³ JENNI, E. *Die hebräischen Prepositionen. Band 3: Die Präposition Lamed*. Stuttgart: Kohlhammer, 2000, pp. 276-280.

uma pessoa socialmente comprometida com o destino dos irmãos oprimidos de Moisés, por mais que a narrativa do êxodo, até este momento, não tenha informado seus ouvintes-leitores sobre o que Jetro já sabe a respeito da sorte dos hebreus no Egito. Apenas mais tarde se registra que Moisés lhe conta tudo (Ex 18,8) e que também Jetro escuta tudo o que o Senhor fez (Ex 18,1).

Todavia, a micronarrativa aqui estudada cria, em sua primeira parte, um entrelaçamento entre sogro e genro. Mais ainda, os dois se agrupam, em forma de uma moldura dupla, em torno dos irmãos que sofrem no Egito. Com base nessas personagens, pode-se verificar uma estrutura concêntrica (A-B-C-B-A): Moisés (v. 18a) – Jetro (v. 18b) – meus irmãos (v. 18e) – Jetro (v. 18i) – Moisés (v. 18i). Enfim, nasce uma harmonia impressionante entre Moisés e seu sogro, Jetro, resultando na volta do futuro líder à sociedade em conflito e, portanto, na retomada do projeto do êxodo.

3.2. *Moisés e o Senhor*

Na sequência dos versículos, o diálogo entre Moisés e seu sogro, Jetro (v. 18), é sucedido por outro discurso do Senhor (v. 19). Após ter escutado o *Vai!* (v. 18j) de seu sogro, Moisés ouve agora mais um *Vai!* (v. 19b), mas agora de Deus. Além disso, Moisés é motivado a perceber de uma vez por todas que sua vontade de voltar a seus irmãos, que estão no Egito (v. 18e-f), corresponde ao interesse do Senhor, o qual lhe diz justamente: *Volta para o Egito!* (v. 19c; cf. Ex 3,10.18).

Além disso, surge um detalhe novo, que parece favorecer a volta de Moisés ao Egito: se em Ex 2,23 o ouvinte-leitor tomou conhecimento de que o rei do Egito morrera, agora Moisés é informado de que morreram não somente o faraó, o qual procurava matá-lo (Ex 2,15), “mas também todos os demais perseguidores comandados por ele”.²⁴ Com isso, Moisés pode sentir certo alívio, pois ninguém está procurando, diretamente, por sua vida (v. 19e). Assim, percebe-se, de acordo com a narrativa, que “Deus vai ao encontro da existência cotidiana de quem é enviado por ele”, criando condições para que a missão dessa pessoa seja possível.²⁵

²⁴ ALBERTZ, R. *Exodus 1–18*, p. 94.

²⁵ UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. *Exodus 1–15*, p. 143.

Enfim, “o tecido da redação não só é coerente, mas também significativo”.²⁶ Pela sequência dos elementos narrados, é possível compreender que a participação e o comportamento dos familiares de Moisés – sobretudo de seu sogro, Jetro (v. 18) – ocorrem em sintonia com a vontade de Deus. Mais ainda: a presença marcante da família apresenta-se justamente como expressão ou realização da vontade de Deus.

3.3. *Moisés, sua mulher e seus filhos*

O final da micronarrativa conta como Moisés volta para a terra do Egito (v. 20c), tomando o cajado de Deus em sua mão (v. 20d). Essa ação corresponde, pois, à ordem do Senhor anteriormente ouvida (Ex 4,17). Mais ainda: o cajado simboliza a presença de Deus e a transferência do poder para as mãos de Moisés. Trata-se, pois, do cajado que se transformara em serpente, sendo que uma serpente erguida figurava também na coroa do faraó, tendo ela a tarefa de punir os inimigos do Egito. No entanto, quando Moisés, por ordem do Senhor, a agarrara pela cauda, a serpente se tornara novamente cajado, demonstrando que o domínio de Moisés sobre o faraó tinha alcançado dimensões gigantescas.²⁷ Portanto, ao tomar o cajado de Deus em sua mão (v. 20d), Moisés sente-se acompanhado pelo Senhor e confiante no poder superior do Deus dos filhos de Israel.

No entanto, surpreendentemente, Moisés não enfrenta sozinho a viagem exigente e desafiadora ao Egito, mas vai com sua mulher e filhos (v. 20b). Com isso, pela segunda vez, a cena traz a participação dos familiares de Moisés. Se no início da cena há a presença marcante de Jetro, sogro de Moisés (v. 18), no final ganha realce a companhia significativa de Séfora (filha de Jetro e mulher de Moisés) e de Gersam e Eliezer (netos de Jetro e filhos de Moisés).

Novamente, Moisés mostra-se gentil, em especial para com sua mulher. Isso lembra o primeiro encontro entre Moisés e Séfora, quando, no poço de Madiã, libertou as filhas de Jetro dos pastores agressivos e deu de beber ao gado pequeno delas, tirando, para elas, a água do poço (Ex 2,17e. 19c-d).²⁸ Dessa vez, Moisés faz sua mulher, junto com seus filhos, montar

²⁶ ANDIÑACH, P. R. *O Livro do Êxodo. Um comentário exegético-teológico*. São Leopoldo: Sínodal, 2010, p. 88.

²⁷ GRENZER, M. *O projeto do êxodo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007, pp. 56-60.

²⁸ Cf. GRENZER, M. “Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22)”, pp. 85-86.

o jumento (v. 20a-b). Ou seja, enquanto ele anda a pé, seus familiares podem segui-lo, de forma mais confortável, em cima do jumento.

Contudo, a narrativa levanta uma dúvida a respeito da idade dos filhos de Moisés e Séfora. Considerando os poucos dados biográficos, segundo a macronarrativa do êxodo, Moisés volta de Madiã ao Egito numa idade já mais avançada, negociando a liberdade dos israelitas com o faraó aos oitenta anos (Ex 7,7; cf. Sl 90,10). Não é dito com quantos anos Moisés fugira do Egito para Madiã. A narrativa se limita a dizer que estava grande, no sentido de já ser adulto (Ex 2,11), quando ele feriu mortalmente o egípcio e, perseguido por causa disso, fugiu rumo a Madiã. Séculos mais tarde, Estêvão, aparentemente de acordo com a tradição judaica, entende que Moisés, no momento de sua fuga, completara quarenta anos (At 7,23) e que, passados outros quarenta anos, chamado por Deus, teria voltado ao Egito (At 7,30). Considerando esse tipo de parâmetro e caso Gersam tenha nascido de Séfora e de Moisés no início da estada deste último nas terras de Madiã (Ex 2,22), o mais velho dos dois irmãos sobre o jumento já é um adulto. Consequentemente, o segundo filho de Moisés – ver Eliezer em Ex 18,4 – “precisa ser ainda muito pequeno, pois, do contrário, a mãe e os dois filhos, dificilmente, poderiam montar o mesmo jumento”.²⁹ No entanto, a micronarrativa em Ex 4,18-20 também pode estar querendo surpreender seus ouvintes-leitores de forma jocosa. Em Gn 21,14, pois, Abraão coloca a criança Ismael sobre os ombros de Agar, embora o filho dos dois, aparentemente, já esteja com quinze ou até dezessete anos de idade (cf. Gn 17,24-25; 21,5.8; 2Mc 7,27). Quer dizer, no momento da partida de Madiã, prevalece, literariamente, o “retrato da família”.³⁰ E faz parte da experiência familiar que filhos, embora crescidos, continuem precisando ser carregados em determinados momentos, sobretudo quando mudanças maiores estão à vista.

Enfim, Moisés não volta desacompanhado para a terra do Egito (v. 20c), mas na companhia de sua mulher e de seus dois filhos (v. 20a), o que “denota a importância da família”.³¹ Mais ainda, logo em seguida, no caminho ao Egito, Séfora, ao insistir no rito marcado pelo sangue e no

²⁹ FISCHER, G.; MARKL, D. *Das Buch Exodus*, p. 72.

³⁰ UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. *Exodus 1–15*, p. 143.

³¹ GRENZER, M.; FERNANDES, L. A. Êxodo 15,22–18,27. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 130.

relacionamento com seu noivo, será a “mulher proativa que livra” Moisés “da morte” (Ex 4,24-26).³² Ou seja, a presença da família não se limita à companhia e ao apoio moral, mas contribui até mesmo para a sobrevivência. Isso vale de modo especial para o profeta que assume uma liderança favorável ao projeto de Deus, sendo que este último, de repente, atinja perigosamente justamente a quem chamou.

Contudo, assim como Moisés volta ao Egito junto com sua mulher e seus filhos, futuramente também a saída do Egito revelará, de forma semelhante, dimensões familiares. Moisés, pois, fará ao faraó a seguinte exigência: Queremos ir com os nossos jovens e os nossos velhos! Queremos ir junto com os nossos filhos e as nossas filhas, com o nosso gado pequeno e o nosso gado grande, porque, para nós, é uma festa do Senhor! (Ex 10,9). Quer dizer, sairão do Egito também os petizes, ou seja, aqueles que andam a passos miúdos (Ex 10,10.24).

Considerações finais

Quais são as possibilidades de um refugiado voltar em paz à sociedade da qual se afastara por ter sido mortalmente perseguido? Ou seja, por que abandonar um lugar que acolhe e arriscar-se em um lugar hostil? Não se trataria de uma decisão irracional, sendo que a volta à terra de origem somente seria acompanhada por incertezas, desafios incalculáveis e risco de sofrimentos? Eis os argumentos que a micronarrativa de Ex 4,18-20 oferece a respeito.

a) Deus

Aparentemente, um encontro místico com Deus (Ex 3,1-4,17) faz Moisés pensar em sua volta ao Egito (v. 18). Além disso, a ideia de que o Senhor está atento à miséria do povo e insiste na libertação dos oprimidos da mão dos opressores (Ex 3,7-9) ganha novamente plausibilidade através de determinados acontecimentos no decorrer da história. Para Moisés, a morte dos que procuravam por sua vida no Egito se transforma em palavra de Deus (v. 19). Além disso, ao ficar com o cajado em sua mão, Moisés

³² FERNANDES, L. A. “Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26)”. *Revista de Cultura Teológica* 86 (2015), pp. 59-84.

mantém um objeto consigo que adquiriu grande força simbólica. Ou seja, o cajado ilustra a esperança de que Deus suscitará outros sinais indicando a necessária inversão da sorte dos injustiçados.

b) A família

Junto a Deus, os familiares de Moisés se tornam motivação e companhia em sua trajetória. Moisés, hebreu, quer saber se seus irmãos no Egito (Ex 2,11) ainda estão vivos (v. 18d-h). Na verdade, Moisés, de fato, ainda tem dois irmãos no Egito, Aarão (Ex 6,20) e Miriam (Nm 26,59), os quais são filhos do mesmo pai, Amram, e da mesma mãe, Jocabed (Ex 6,20; Nm 26,59).

Contudo, em Madiã, Moisés estabeleceu, como refugiado e imigrante, mais laços familiares. Seu sogro, Jetro, exerce um papel importante, acompanhando-o nos momentos delicados de sua vida, seja na chegada em Madiã (Ex 2,15c-22), seja na partida para o Egito (v. 18), ou, posteriormente, durante a travessia do deserto (Ex 18). Jetro se mostra bem-intencionado e compreensivo. Sem insistir em eventuais interesses próprios, o sogro deseja que Moisés vá em paz (v. 18j), oferecendo, no momento da despedida, seu apoio moral.

Por fim, ao voltar arriscadamente para o Egito, Moisés conta com a companhia de sua mulher e de seus filhos (v. 20a). Em especial, Séfora, sua mulher, se revelará decisiva na relação entre o Senhor e Moisés (Ex 4,24-26). Ou seja, justamente a convivência física, psicológica e religiosa ajudará na sobrevivência.

Portanto, as questões de Deus e da família se entrelaçam. Esta última se revela o apoio decisivo para quem quer voltar à terra em que está seu povo, por mais que a sociedade ali continue a estar em conflito. Mais ainda: o apoio familiar talvez seja justamente uma das expressões ou um dos sinais do apoio oferecido por Deus.

Bibliografia

- ALBERTZ, R. *Exodus 1–18*. Zúrique: Theologischer Verlag Zürich, 2012.
- ANDIÑACH, P. R. *O Livro do Êxodo. Um comentário exegetico-teológico*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.
- BAR-EFRAT, S. *Wie die Bibel erzählt. Alttestamentliche Texte als literarische Kunstwerke verstehen*. Gütersloh: Verlagshaus, 2006.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Eds.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 4. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. *Êxodo 15,22-18,27*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FERNANDES, L. A. “Séfora: a mulher proativa que livra o homem da morte (Ex 4,24-26)”. *Revista de Cultura Teológica* 86 (2015), pp. 59-84.
- FISCHER, G.; MARKL, D. *Das Buch Exodus*. Stuttgart: Katholisches Bibelwerk, 2009.
- FRANCISCO, E. de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica. Introdução ao Texto Massorético. Guia Introductório para a Bíblia Hebraica Stuttgartensia*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- GRENZER, M. “Decidido a defender o oprimido (Ex 2,11-15c)”. *Revista de Cultura Teológica* 35 (2001), pp. 129-139.
- GRENZER, M. “Em defesa da criança (Ex 1,15–2,10)”. *Revista de Cultura Teológica* 55 (2006), pp. 25-37.
- GRENZER, M. *O projeto do êxodo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- GRENZER, M. “Do clã de Jacó ao povo de Israel (Ex 1,1-7)”. *Revista de Cultura Teológica* 81 (2013), pp. 83-94.
- GRENZER, M. “O fracasso da política de opressão violenta (Êxodo 1,8-14)”. *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião* 12 (2014), pp. 141-163.
- GRENZER, M. “O grito dos oprimidos (Êxodo 2,23-25)”. *Revista de Teologia e Ciências da Religião da UNICAP* 4 (2014), pp. 319-334.
- GRENZER, M. “Imigrante em Madiã (Ex 2,15c-22)”. *Atualidade Teológica* 49 (2015), pp. 75-89.
- GRENZER, M. “As dimensões temporais do verbo hebraico: desafio ao traduzir o Antigo Testamento”. *Pistis & Praxis* 8 (2016), pp. 15-32.
- JENNI, E. *Die hebräischen Prepositionen. Band 3: Die Präposition Lammed*. Stuttgart: Kohlhammer, 2000.

LIWAK, R. Friede / Schalom. In: ALKIER, S.; BAUKS, M.; KOENEN, K. (Ed.). *Das Wissenschaftliche Bibellexikon im Internet*, 2007ss. Disponível em <http://www.wibilex.de>, inserido em 3.2011 e acessado em 6.6.2016.

MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as narrativas bíblicas. Iniciação à análise narrativa*. São Paulo: Loyola, 2009.

SKA, J.-L. *“Our fathers have told us”. Introduction to the Analysis of Hebrew Narratives*. Roma: Pontificio Istituto Biblico, 2000.

SKA, J.-L. *O canteiro do Pentateuco. 1. Problemas de composição e de interpretação. 2. Aspectos literários e teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2016.

UTZSCHNEIDER, H.; NITSCHKE, A. *Arbeitsbuch Literaturwissenschaftliche Bibelauslegung. Eine Methodenlehre zur Exegese des Alten Testaments*. 4. ed. Gütersloh: Verlagshaus, 2014.

UTZSCHNEIDER, H.; OSWALD, W. *Exodus 1-15*. Stuttgart: Kohlhammer, 2013.